



Caracterização das Pescarias Ativas na Zona Sul de São Tomé



Redação : Albertino Santos

Pesquisa : Albertino Santos, Ilair Conceição, Bolingo

Outubro 2017

Índice

Contexto do estudo.....	3
Metodologia.....	6
Identificação da zona de estudo e de alguns pontos de referência.....	8
Identificação dos pescadores operando nesta zona e origem.....	9
Descrição das pescarias activas.....	11
1. Redes.....	11
2. Caça submarina.....	17
3. Pesca de Voador panha.....	18
4. Pesca nocturna « Encandeamento ».....	20
5. Blindado.....	21
6. Corrico.....	22
7. Palangre Vertical.....	24
8. Palangre horizontal.....	24
9. Tchapo.....	25
10. Pingue.....	26
11. Gaiolas (pesca ao caranguejo).....	27
12. Pescarias em água doce.....	28
Conclusões.....	30

Contexto do estudo

O Projeto KDM

Este documento foi realizado no âmbito do Projecto de *Co-Gestão Sustentável das Pescas no Sul de S. Tomé*, denominado “KIKE DA MUNGU” (PEIXE PARA AMANHÃ em língua angolara) que surge da vontade conjunta da **Oikos - Cooperação e Desenvolvimento** e da ONG MARAPA (Mar Ambiente e Pesca Artesanal), em apoiar o sector da pesca artesanal e contribuir na preservação do ambiente marinho e costeiro da ilha de São Tomé, em particular na sua parte Sul.

Objetivos e Resultados esperados do projeto

O projeto “Kike da Mungu” tem os seguintes objetivos :

OBJECTIVO GERAL: Contribuir para sustentabilidade das pescas, a conservação da biodiversidade marinha e a segurança alimentar das populações;

OBJECTIVO ESPECIFICO: Estabelecer um sistema de gestão participativa e sustentável da pesca no Sul da Ilha de São Tomé, com uma abordagem de governança partilhada dos recursos haliêuticos e de gestão territorial e eco sistémica

Os grupos alvos do projeto são os pescadores e peixeiras (palaiês) com interesses nos recursos haliêuticos do Distrito de Caué, as Administrações centrais e distritais, com tutela da Pesca, do Ambiente, das Áreas Protegidas, bem como a Guarda Costeira/Capitania dos Portos. Estas entidades constituem parceiros associados à ação.

Posto isto, o projecto de “Kike da Mungu” visa a obtenção de 3 grandes Resultados, a saber:

- ***Resultado 1 (R1): Os conhecimentos sobre o meio marinho costeiro e as dinâmicas dos recursos haliêuticos são melhorados.***
O Resultado 1 está orientado para a investigação e pesquisa sobre os recursos haliêuticos. A zona costeira inserida no distrito de Caué abrange grande parte do litoral Sul da ilha de São Tomé, desde a comunidade de Angra Toldo até a baía de São Miguel, incluindo também o recife de Sete Pedras e o ilhéu das Rolas.
- ***Resultado 2 (R2): Melhorados os conhecimentos e capacidades de concertação e fiscalização no processo de governança partilhada e tomada de decisão relativa à gestão participativa e sustentável da pesca.***
O Resultado 2 visa estabelecer um quadro de concertação multi-stakeholder sobre as modalidades de cogestão necessárias para uma gestão sustentável dos recursos haliêuticos na zona Sul. De facto, a gestão desses recursos requer a implicação de todos os utilizadores do meio marinho nas tomadas de decisão relativa às regras de pesca nas diferentes componentes da zona costeira (rios, estuários, baías, recifes, ilhéus e alto mar).
- ***Resultado 3 (R3): Melhoradas as condições da captura de peixes dos pescadores e a valorização económica dos produtos de pesca.***
Quaisquer que sejam as disposições consensualmente validadas no acordo de cogestão, a mudança de práticas por parte de alguns pescadores e palaiês, sejam na pesca como na va-

lorização do produto da pesca, terá consequências nos seus hábitos de trabalho e capacidade de geração de rendas. Isto impõe ao projeto a necessidade do estabelecimento de medidas de acompanhamento destas mudanças através de ações de apoio dirigidas ao conjunto dos atores afetados.

O presente **Estudo de Caracterização das Pescarias da Zona Sul de S. Tomé**, particularmente no Distrito da Caué, enquadra-se na componente do Resultado 1, tendo como objectivo conhecer as diferentes formas de pescas atualmente usadas e mais frequentes na zona de intervenção, bem como as problemáticas associadas, em termos de sustentabilidade da pesca e impacto sobre a regeneração dos recursos haliêuticos.

Os resultados apresentados são frutos de um trabalho realizado pela ONG MARAPA, juntamente com um técnico da Direcção das Pescas e um Ponto Focal da Federação das Associações de Pescadores e Palaiês de S. Tomé, em diferentes comunidades piscatórias da ilha de S. Tomé.

Descrição da problemática e justificação da necessidade deste estudo

Segundo os dados da DGP, a pesca artesanal ocupa 15% da população activa (pescadores e *palaiês*), e estima-se em 30.000 o número de pessoas que vivem indiretamente da pesca em São Tomé e Príncipe. País insular de pequena dimensão terrestre (1001 Km²), a República Democrática de São Tomé e Príncipe dispõe de um território marítimo considerável equivalente a 160.000 km², no entanto a zona do alto mar está explorada até a data apenas por operadores estrangeiros de pesca industrial ao abrigo de acordos bilaterais, e pelo sector petrolífero ainda na sua fase embrionária. Concentrada numa estreita faixa costeira, muitas vezes por falta de meios para se deslocar mais longe, a pesca nacional é fundamentalmente de carácter não industrial e enfrenta há alguns anos uma grave crise, devido a degradação progressiva dos ecossistemas marinhos e a consequente escassez de peixes. O uso crescente de artes não seletivas e destrutivas (explosivos, redes de malha demasiada fina, etc) como forma de compensar o decréscimo de captura, coloca os pescadores num círculo vicioso de destruição dum recurso considerado como crucial para as populações do arquipélago, pois fornece 70% das proteínas animais consumidas internamente, por uma média anual de 23,6 kg de peixe por habitante.

Desde o início dos anos 2000, alguns pescadores originários do norte da ilha especializaram-se na pesca com rede de cerco utilizando embarcações motorizadas de maior dimensão. Apesar desta arte ser normalmente destinada à captura de cardumes de peixes pelágicos (como sardinhas ou atuns), esses pescadores têm tendência em utilizar essa arte na zona costeira em cima de pedras e recifes para capturar peixes demersais adultos e juvenis (como corvina ou garoupa). A utilização inadequada da rede de cerco contribui fortemente na diminuição dos recursos pesqueiros demersais mais sensíveis, visto que trata-se de peixes sedentários e com crescimento individual mais lento. O isolamento e o fraco desenvolvimento da pesca no sul de São Tomé, praticada por pescadores artesanais utilizando linha e anzol ou outras artes de pesca rudimentares, contribuíram para a relativa preservação dos recursos pesqueiros costeiros nessa parte da ilha. No entanto, essa ainda relativa abundância de peixe no sul da ilha de São Tomé atrai cada vez mais os pescadores do norte com mais capacidade de deslocação e captura provocando um aumento nos conflitos de acesso e ameaçando a sustentabilidade dos recursos haliêuticos do sul da ilha. Outros fatores como os efeitos das mudanças climáticas e as acções humanas sobre a orla costeira contribuem nessa degradação dos ecossistemas marinhos, e os outros sectores económicos primários e secundários ainda não chegam a compensar os efeitos desta crise.

Neste contexto, o estabelecimento de regras visando a gestão sustentável das pescas, sugerido neste projeto passa primeiramente pela atualização dos conhecimentos sobre as práticas de pesca exercidas na zona Sul, de modo a poder confrontar las com as problemáticas conhecidas sobre a dinâmica dos recursos halieuticos. Estes conhecimentos tornar-se-ão particularmente úteis durante o ciclo de encontros previstos com os pescadores em que serão debatidos os efeitos destas pescarias e promovidas discussões para a sua melhoria.



Metodologia

A metodologia utilizada para realização desta caracterização das pescarias contemplou dois momentos distintos, como segue:

- ✓ Inventariação bibliográfica da literatura existente como estudos, relatórios, manuais e outros sobre as pescarias na zona Sul de S. Tomé
- ✓ Deslocação as diferentes comunidades piscatórias para entrevistas directas com pescadores, responsáveis das associações, chefes de praia.

Consulta bibliográfica

A consulta bibliográfica foi realizada pela ONG MARAPA com intervenção do Ponto Focal da Direcção das Pescas, o Senhor Ilair da Conceição. Para além dos documentos disponíveis nestas duas instituições, foram feitas pesquisas na internet tendo-se inventariado a seguinte literatura sobre as pescarias na zona Sul da Ilha de S. Tomé:

Direcção das Pescas. **Relatório do Estudo de Seguimento de Espécies Demersais da Zona Costeiras de STP.** S. Tomé e Príncipe. Fev. 2015. Direcção das pescas. Pag. ...

Direcção das Pescas. **Relatório do Estudo das Comunidades de Pesca de STP.** S. Tomé e Príncipe. Ano 2012. Direcção das Pescas. Pag. ...

PAPAFPA / TESTORI Jean Louis, Consultant. Expert pêche et ressources halieutiques. (CLUB MAXEL LDA, info@clubmaxel.st). **Etude Technique de la Filière Pêche Artisanale à STP. S. Tomé e Príncipe.** ONG MARAPA

Horemans, B., J. Galléne e J.-C. Njock, - **Revista sectorial da pesca artesanal a São Tomé e 1994 Príncipe.** Programa de Desenvolvimento Integrado das Pescas Artesanais na África Ocidental (DIPA), 32 p. + anexos, DIPA/WP155. On line, internet

B. Kamphorst., M. Teixeira, **Características socio-económicas da pesca em São Tomé e 1995 Príncipe.** Programa para o Desenvolvimento Integrado das Pescas Artesanais na África Ocidental. Cotonou, Projecto DIPA, 32p. DIPA/WP168. On line, internet

Projeto ref. N° CA-3.1- B14a Região: África Central País: São Tomé e Príncipe Data: Outubro 2013 Um projeto implementado por: Gabriel de Labra Consultor Internacional em Aquacultura “**Estado da situação, identificação de zonas e avaliação da potencialidade da aquacultura em São Tomé e Príncipe.** On line, internet.

ONG MARAPA / PAPAFPA. Documento de apresentação dos resultados do **Inquérito nas comunidades piscatórias do Sul da Ilha de S. Tomé e do Príncipe** Junho de 2011. ONG MARAPA.

PAPAFPA/FIDA/ZUNTABAWÉ, IDA. **Etude socio-economique de la fileère Poisson frais Sous Glasse à S. Tomé et Príncipe.** Julho 2010. ONG MARAPA

Gabriel de Labra Chas, Acessor Técnico de CETMAR. **Relatório do estudo socioeconómico das comunidades de pesca artesanal de São Tomé e Príncipe.** Edição CETMAR. ONG MARAPA.

Caita Santos. **Relatório Linha de Base PROFOPECA**. S. Tomé. ONG MARAPA.

MARAPA/CNEARC/Manuel Jorge de Carvalho do Rio: Master en Acteur du Developpment Rural. **Vers un développement integre, durable et responsable du litoral Sous secteur de la Pêche Artesanale**. Septembre 2006. STP/France. ONG MARAPA

Inês da Costa de Carvalho com apoio de PROJECTO DELFIM. **OCORRÊNCIAS E COMPORTAMENTOS DAS BALEIAS CORCUNDAS (*Megaptera novaeangliae*, Borowski, 1981), NO SUL DE S. TOMÉ E PRÍNCIPE**. Instituto superior de psicologia aplicada – Lisboa. ONG MARAPA.
João Carlos Fernandes Lima do Nascimento* Doctorando em Tecnologia de Informação e Comunicação (Universidad de Salamanca-España). **GESTÃO DE RECURSOS PESQUEIROS EM SÃO TOMÉ E PRÍNCIPE**. Internet

Serviço de extensão pesqueira stp, Direcção das Pescas com apoio de Agencia Espanhola de Cooperaçao Internacional para o Desenvolvimento (AECID) assistência da CETMAR e a ONG MARAPA. **Pesca artesanal em S. Tomé e Príncipe (vídeo)**. Internet, you tube.

COMITE DE REDAÇÃO DA ONG MARAPA: Elísio N. E. Santo, Antoine Bailly, Etyene R. Anibal, Manuel J. C. do Rio, João G. P. Lima, Albertino A. P. dos Santos, Saltéria T. Mendes com Revisão do Custrino Alcantara. **Guia de Pesca Responsável**. ONG MARAPA.

ONG MARAPA/PROFOPESCAS, CETMAR, IEH, DIRECÇÃO DAS PESCAS, PAM, PNASE. **Pesca Responsável; Meio Ambiente e Gestão Sustentável dos Recursos Merinhos**. ONG MARAPA.

ITIE. **Estudo Preliminar sobre a implementação da Iniciativa para a Transparência das Industrias Extrativas (ITIE) no setor das pescas de São Tomé e Príncipe**. S. Tomé. Direcção das Pescas.

Levantamentos no terreno:

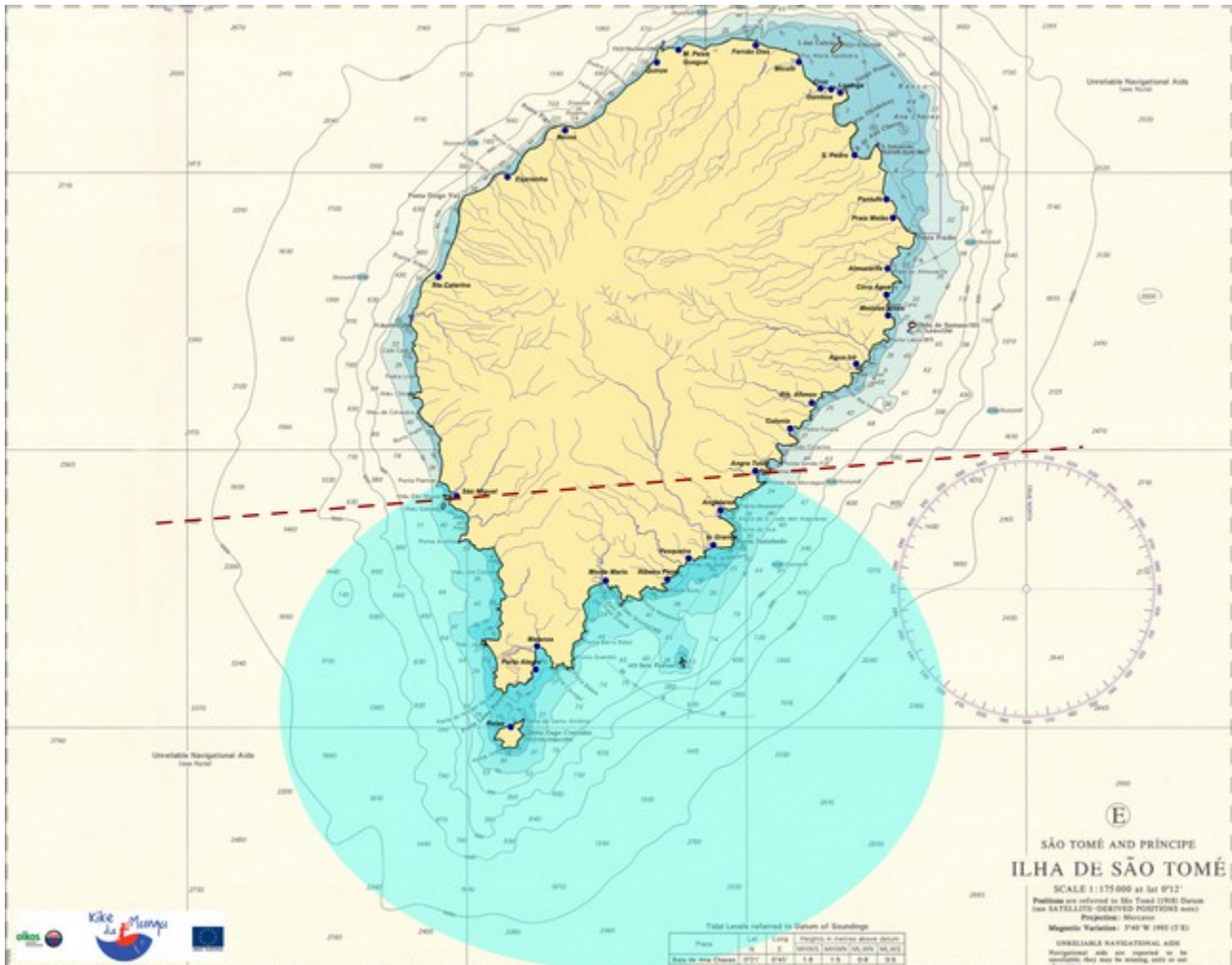
No que se refere ao levantamento de dados nas comunidades de pescadores alvo do estudo/inquérito, o método aplicado foi de entrevista com os responsáveis das Associações de Pescadores, pescadores com experiência reconhecida e também com os Chefes de Praia.

Com efeito, o técnico da MARAPA afecto ao Projecto acompanhado dos Pontos Focais da Direcção das Pescas e da FAPP (Federação das Associações dos Pescadores e Palaiês de S. Tomé e Príncipe), deslocaram-se às diferentes comunidades para contactar directamente com os beneficiários.

Os trabalhos decorreram durante os meses de Abril a Agosto de 2017. Durante este período foram recolhidas informações/dados sobre as pescarias activas no Sul de S. Tomé, por meio de entrevistas semi-dirigidas e constatações visuais dos aparelhos de pesca demonstrados. De recordar que a zona de pesca artesanal de Caué, compreende o espaço territorial marítimo entre a Praia de Angra Toldo ao (SE) e S. Miguel ao (SO) da Ilha de S. Tomé que de resto constitui território alvo do Projecto KIKE DA MUNGU. No quadro deste estudo, considerou-se as técnicas de pesca praticadas tanto em águas próximas a costa e dirigidas às espécies demersais, como as técnicas dirigidas as espécies de alto mar (pelágicas), independentemente da distância percorrida pelas embarcações. Por outro lado também foram inquiridas algumas comunidades da zona NE e NO da ilha. As informações recolhidas visam conhecer melhor as artes de pesca, as espécies visadas e mais capturadas, zona geográfica de prática das diferentes pescarias, tipos de embarcação, iscos utilizados, material, etc, bem como informações complementares de significativa relevância.

Identificação da zona de estudo e de alguns pontos de referência

A zona em foco neste estudo abrange as águas territoriais situadas ao Sul duma linha imaginária que atravessa a ilha de São Tomé no eixo São Miguel-Angra Toldo, ilustrada no mapa a seguir.



Pretende-se perceber as diferentes pescarias ativas nesta zona pelos pescadores, qualquer que sejam as suas praias de origem (Norte ou Sul).

Identificação dos pescadores operando nesta zona e origem

O quadro a seguir apresenta os dados compilados sobre a frequência de deslocação dos pescadores à zona em estudo, com base nas consultas bibliográficas e dos inqueritos realizados no terreno :

Comunidades	Nº de Pescadores na Comunidade	Pescadores que pescam no Sul DIARIAMENTE (*)	% diario	Pescadores que pescam no Sul SEMANALMENTE/OCASIONAL	% Semanal	Percentagem de Pescadores que frequentam a Zona Sul
Praias Cruz, Gamboa, Loxinga	635	445	70%	65	10%	80%
Neves	480	144	30%		0%	30%
Santa Catarina	216	108	50%		0%	50%
Praia Melão	190	19	10%	19	10%	20%
Morro Peixe	176	0	0%		0%	
Micoló	150	8	5%		0%	
Pantufo	130	0	0%	13	10%	10%
Ponte Bistp	100	0	0%	20	20%	20%
Messias Alves	66	7	11%	5	8%	18%
Cova Água	57	0	0%	0	0%	
Ribeira Afonso	47	0	0%	0	0%	
Plano Água Izé	41	0	0%	0	0%	
SUBTOTAL NORTE	2288	731	32%	122	5%	37%
Porto Alegre	114	114				100%
Angolares	106	106				100%
Malanza	55	55				100%
Praia Pesqueira	28	28				100%
Ribeira Peixe	23	23				100%
Angra Toldo	22	22				100%
Monte Mário	17	17				100%
Iô Grande	15	15				100%
Ilhéu Das Rolas						
SUBTOTAL SUL	380	380				100%
TOTAL SUL+NORTE	2668	1111		122		

(*) ou seja, sempre que o tempo o permite

Neste quadro, incluímos as comunidades localizadas na zona Sul, onde constatamos que 100% dos pescadores pescam exclusivamente nestas águas.

Se formos considerando apenas as comunidades não localizadas na zona do estudo (NORTE), constamamos o seguinte :

- **37%** dos pescadores do Norte se deslocam a zona Sul, seja diariamente ou ocasionalmente ao longo do ano.
- um terço (**32%**) dos pescadores do Norte se deslocam a zona Sul diariamente para pescar.
- Nas comunidades de Praia Cruz, Loxinga, Gamboa, está proporção sobe para **70%**, um dado considerável tendo em conta a distancia a percorrer até a zona de pesca. No caso de Santa Catarina, constata-se que **50%** dos pescadores frequentam a zona Sul diariamente.
- Os pescadores que se deslocam apenas semanalmente representam apenas 5% da população de pescadores estudada.

Em todo, constata-se que a zona do estudo é frequentada diariamente por 1111 pescadores, ou seja 41% do total, e adicionalmente por 122 (4% do total) com frequência semanal.

Descrição das pescarias activas

Neste Capítulo, procedemos a descrição das técnicas de pesca atualmente usadas no Sul, com descrições dos aparelhos e técnicas usadas, e comentários relativamente ao seu impacto potencial no recurso.

1. Redes

Existem cinco tipos de redes de tamanho, forma e abertura de malha diferentes.

1.1. Rede de cerco / localmente designa “Rede Brisa”

Existem dois modelos de rede brisa a saber :

- rede de 350 malhas de altura
- rede de 1000 a 1500 malhas de altura

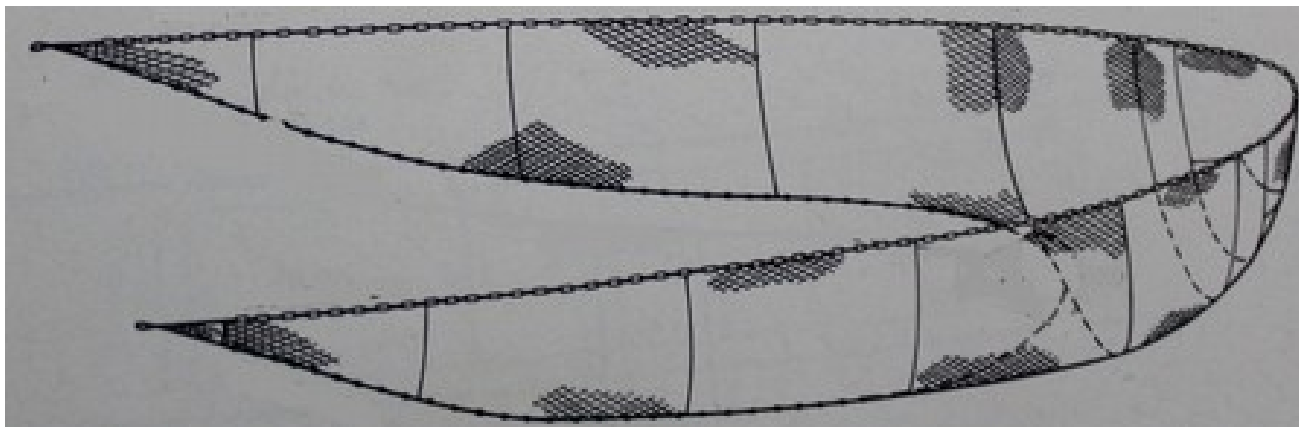


Construção : Rede de cerco/brisa com retenida (rede de Machipombo). Comp. : 200 a 400 m. Altura: 12 m a 60 m. Espessura de linha 210/6 – 210/12mm. Coeficiente de montagem 90%.

Utilização : Arte normalmente selectiva, quando utilizada para emalhar o peixe (maxipombo) (*Hemiramphus balao*). Rede activa. Estas redes são utilizadas em embarcações com as seguintes características : 7 a 12 metros de comprimento e de 1,5 a 3 metros de largura, construídas de

madeira ou de fibra de vidro (canoas tradicionais e botes) levando a bordo entre 5 e 20 pescadores.

A malha permitida pelo Regulamento das Pescas é de 35mm, ou seja para tornar a seletiva ao Maxipombo (*Hemiramphus balao*). No entanto, constata-se que uma maioria de pescadores usam este tipo de redes com malhas menores de 15 a 20 mm, o que não facilita emalhar os alvos, e portanto se torna rede de cerco e captura indivíduos pre-maduros (biquinhas).



Horário de pesca: durante todo dia (24 h). Arte que consiste em cercar com uma rede um cardume de peixe. Em seguida, a rede é fechada por abaixo e convertida num saco, aprisionando assim os peixes.

Frequência de utilização no Sul: Todo ano, embora com diminuição durante a estação da GRAVANA (fortes correntes marítimas, agitação do mar e fortes ventos)
Estima-se o esforço a 40 – 50 embarcações por dia na zona de intervenção.

Espécies alvo: Inicialmente, a espécie alvo é o Maxipombo (*Hemiramphus balão*), mas a arte foi alterada ao longo do tempo, transformando-a em rede de cerco. Hoje, alguns pescadores usam este tipo de rede para cercar cardumes e espécies de fundo, de tamanho não autorizados.

Espécies capturadas: Voador (*Cypselurus melanurus*) (cheilopogon pinnatibarbatus) (cheilopogon *melanurus*), Peixe Andala (*Isthiophoru albicans*), Agulha sombra/Estromba (*Xiphias gladius*) (ISTIOPHORURIDAE), Fulu fulu Cintra (*Katsuwonus pelamis*) Fulo-fulo1 (*AuxisThazaed*) Fulu fulu2 (*Euthynnus alletteratus*), Vermelho (SPARIDAE), Alada (*Elegatis bipinnulata*), Maxipombo (*Hemiramphus balao*), Bica (*Lethrinus atlanticus*), Bulhão (*Bodianus speciosus*), Bonito (*Caranx crysos*), Olho Grosso (*Carans latus*), Cavala (*Scomber scombrus*), etc.

Comentário: trata-se de uma arte de pesca selectiva quando utilizada respeitando a zona recomendada para esta arte, e o tamanho das espécies capturadas, bem como as épocas de reprodução da espécie alvo.

No caso de ST esta arte deixa de ser selectiva devido a sua transformação em rede de cerco e da forma como é utilizada pelos pescadores. Em certos grupos, faz-se cerco nas baías, e também nos bancos de pesca (rochas) onde se concentram grandes cardume de peixes demersais que são residentes e consequentemente capturando diferentes tamanhos, incluindo os juvenis, (denominados localmente de biquinhas ou desastre) e destruindo zonas de alimentação e de reprodução.

Nota-se também que esta arte é realizada as vezes com o apoio de mergulhadores usando garrafas de ar, para facilitar a condução dos peixes para a rede, e o fecho da rede na parte de baixo. Esta prática aumenta o risco de acidente e o carácter agressivo desta pescaria.

Por outro lado, o mau uso da rede Brisa tem constituído motivo de conflitos entre estes pescadores e os pescadores que utilizam a linha de mão.

Comunidades que praticam na zona Sul habitualmente: Cruz, Gamboa, Loxinga e Angolares. Notamos que os pescadores de Cruz, Loxinga e Gamboa frequentam a zona Sul para esta pescaria diariamente, e em números consideráveis. Segundo os dados levantados em Praia Gamba/Cruz/Loxinga, existe nestas localidades 79 embarcações motorizadas entre 8 e 12 metros de comprimento, incluindo canoas tradicionais de madeira e botes de fibra. A propulsão é feita com motores fora de bordo de potência de 40CV (2T). De forma geral todas estas embarcações motorizadas existentes utilizam redes de cerco denominadas “Rede de Brisa”, de diferentes tamanhos, a saber:

- i) 10 redes de 50m x 300 m,
- ii) 13 redes de 9m x 300m, iii)
- 30 redes de 4m x 300m, e
- iv) 6 redes de 4m x 300m.

Por outro lado, existe nestas comunidades: 13 rede de voador e 11 redes de fundo “Redes feijão.

Em Neves, existem redes deste tipo utilizadas até a zona de Ponta Furada, mas por enquanto sem chegar até a zona de estudo. Em Angolares, existem actualmente 6 redes Brisa e a tendência é para aumento do número.

2. Rede de emalhar de Voador (XIMPLE ou GONGÁ)

Construção: Rede de voador - Comprimento: de 200m ao 2.500 m; Altura: 3 - 4 m ; Abertura de malha: 55 mm / 56 mm e Espessura de linha 210/6mm, coeficiente de montagem 90%;

Utilização: Rede de emalhar e derivante (rede voador): Arte selectiva. Rede passiva. Estas redes são utilizadas em embarcações de comprimento e 7 – 10m, construídas de madeira ou de fibra e de contraplacado; com 1 – 2 pescadores a bordo, são lançadas cerca das 17 horas e recolhidas as 22h.



Curiosidade: a rede de voador é denominada de **XIMPLE**, quando é lançada na zona de pesca da própria comunidade e **GONGA** quando o pescador desloca da sua praia de origem e vai pescar noutra zona de pesca (Sul da Ilha), particularmente Porto Alegre.

Frequência de utilização no Sul: Todo ano, com mais frequência na zona Sul de Setembro a Maio, com diminuição durante a estação da GRAVANA devido a época de voador Panhã, tendo em conta que os ovos do voador destoem as redes ao ficar colados nelas.

Espécie alvo: Voador (*Cypselurus melanurus*),

Espécies capturadas: Agulha (*Ablennes hians*), Andala (*Istiophorus albicans*), Fulo-fulo (*Auxis Thazard*), Carapau (*Trachurus trachurus*), Tubarão (*Sphirna*),

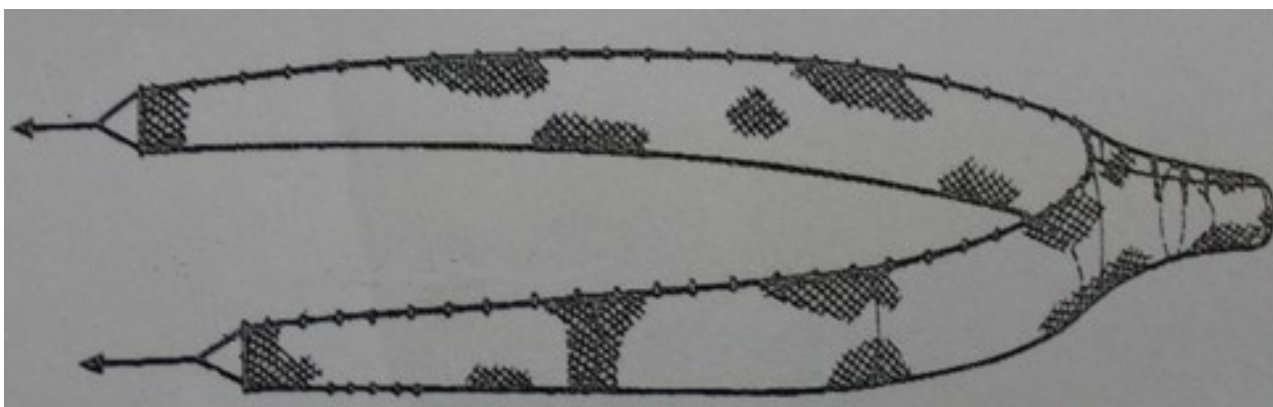
Horário de pesca: Para o caso de XIMPLE os pescadores saiem da praia as 16 horas, lançam a rede às 17 e recolhem às 22 horas. Para o caso de “Gonga” os pescadores saiem das prais às 12 horas devido a distancia a percorrer pois se chegarem muito tarde já não conseguem localizar a zona de pesca.

Comentário: trata-se de uma rede selectiva e passiva. Geralmente é bem utilizada pois os pescadores respeitam a zona e o horário de pesca. Existe uma prática de tingir a rede de voador, de cor acastanhada, quando o pano da rede for de cor branca, utilizando a casca da árvore do mangal que é cozida até adquirir a cor castanha. Posto isso, a rede é mergulhada no líquido durante 2 – 3 dias e finalmente é exposta para secagem. Esta prática é prejudicial aos mangais visto que ao retirar a casca, a planta morre.

Comunidades que praticam na zona Sul: Santa Catarina, Neves, Pantufo, Melão, Cova Água, Messias Alves, Anglares, Porto Alegre, Malanza.

3. Rede de Arraste de Praia

Construção: Rede de Arraste de praia - Comprimento: 100m - 300 m, Altura: 2 - 5 m; Abertura de malha: 35mm – 56mm – 70mm; é uma rede de cerco de vários metros de comprimento em forma de saco e composta de vários tipos de abertura de malha.



Utilização: É rede activa – é lançada e puxada em função de existência de cardume de peixe. Um cabo fica na praia e outro é levado por uma canoa para largar a rede em forma de circunferência e voltar a praia com a outra extremidade de cabo e, é puxada por cerca de 10 pessoas.

Horário de pesca: A qualquer hora do dia.

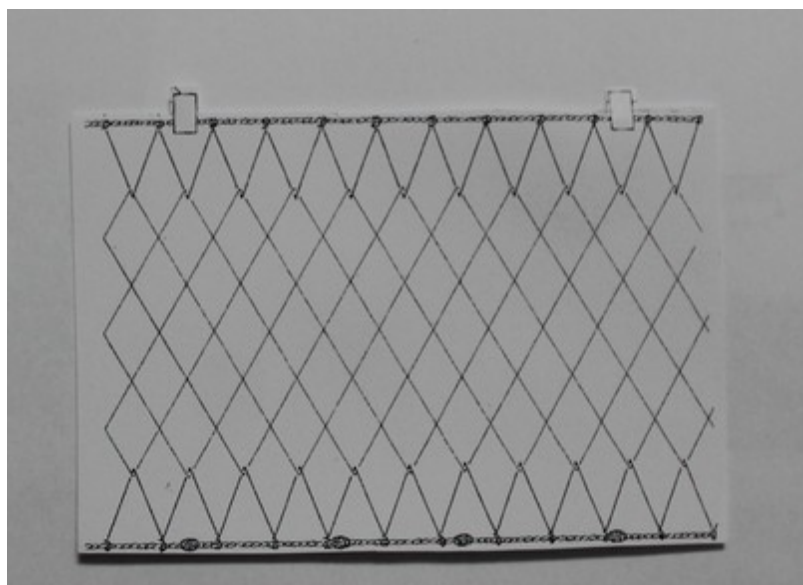
Espécies capturadas: Espécies costeiras como Sardinhas (*Sardina pilchardus*), Barbudo (*Galeoides decadactylus*), Parente (*Eucinostomus melanopterus*), Roncador (*Pomadasys spp*), Alichote, camarão, lagosta, corvina (*Lutjanus goreensis*), etc.

Comentários: É uma arte não selectiva. Sendo proibido a pesca nas baías, esta arte, é de facto proibida em STP. De verás, é muito prejudicial a regeneração dos recursos, pois as baías são zonas de criação/alimentação de juvenis. Todavia, actualmente esta prática está desaparecendo, só 2 unidades estão identificadas nas comunidades de Praia Melão e na Baía de Ana Chaves (São Pedro).

4. Rede “feijão”

Construção: Rede feijão (rede de emalhar de fundo) Comprimento: 200 m, Altura: de 3 m à 10m Abertura de malha: de 70 mm à 120 mm, espessura de linha 210/06 – 210/12 coeficiente de montagem de 90%

Utilização: Chamada de Rede carapau ou rede feijão, os pescadores utilizam canoas motorizadas ou de remo e é lançada por 2 pescadores a uma profundidade que pode variar entre 6 – 60 m, geralmente nas zonas arenosas situadas perto das rochas. Os pescadores utilizam âncora (grandes pedras) fixas a rede no Fundo. À superfície do mar a rede é sinalizada por Bóias, tendo em conta que a rede só é levantada no dia seguinte.



Espécies capturadas: Tubarão (*Rhizoprionodon acutus*), Bica (*Lethrinus atlanticus*), Vermelho (SPARIDAE), Corvina (*Lutjanus goreensis*), Pargo (*Pagrus caeruleosticus*), Garoupa (*Epinephelus morio*), Bonito (*Caranx crysos*), Alada (*Elegatis bipinnulata*), etc.

Horário de pesca: Há todas horas do dia (24 h) e durante todo o ano com mais frequência durante a noite.

Curiosidade: O nome Rede Feijão deve-se ao facto de antigamente para as cozinheiras para cozerem o feijão era necessário deixar na água de um dia para o outro,

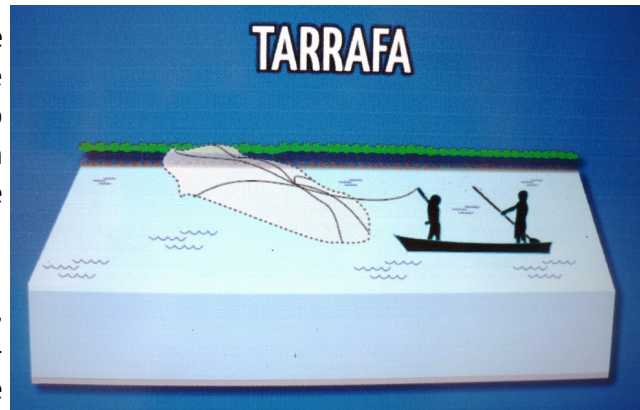
Comentário: É uma arte de pesca selectiva e passiva. Geralmente captura espécies adultas tendo em conta o tamanho de abertura da malha. Todavia, se por exemplo os pescadores por qualquer razão não localizarem e esta desaparecer ela transforma-se num matadouro sem limites rede fantasma).

Comunidades que praticam na zona Sul: quase todas as comunidades de pescadores do País, particularmente Praia Melão, Messias Alves, Angolares, Porto Alegre

5.Tarrafa

Construção: Tarrafa de mão: é uma rede de emalhar simples, cónica, pequena de 3-5m que pode ser lançada tanto a bordo da canoa como também na praia, construída com rede de 35mm de abertura de malha e cuja espessura de fio é de 210/06, com coeficiente de montagem de 90%.

Utilização: O pescador segura a rede numa parte, da base, com a boca e da outra com a mão, lança-a com habilidade e de forma circular e seguidamente recolhe-a através do fio.



Espécies capturadas: Sardinhas (*Sardina pilchardus*) e ou Barbudo (*Galeoides decadactylus*)

Horário de pesca: Durante o dia.

Comentário: Existem 2 tipos: tarrafa para sardinha e tarrafa para barbudo (para barbudo o espaços entre os chumbos, na base da rede, são menores) o que permite atingir mais rápido fundo e evitar a fuga das capturas. Actualmente, este tipo de arte de pesca está a desaparecer tendo em conta que os jovens pescadores já não praticam esta pesca.

Na zona Sul, apenas se conhece um pescador em Malanza com uma rede em condições, mas que faz um uso muito pontual. Normalmente, os peixes capturados servem de isco para a pesca de outros peixes.

Comunidades de pescadores praticantes: Praia Melão, Angolares, Porto Alegre

2. Caça submarina

A Caça submarina é uma actividade que consiste em caçar espécies aquáticas, peixes, moluscos e crustáceos, através do mergulho. Em S. Tomé a prática desta pesca é feita em mergulho livre utilizando anzol de gancho ou arma de pesca submarina. Os equipamentos utilizados pelos mergulhadores são máscara, respirador, barbatanas, fato de mergulho e punhal.



Espécies capturadas: polvo, choco, búzio, corvina, (*Lutjanus goreensis*), alada, (*Elegatis bipinnulata*), vermelho, (SPARIDAE), garoupa (*Epinephelus morio*), moreia (*Lycodontis afer*), raia (*Raja clavata*), tubarão, (*Rhizoprionodon acutus*), etc.,

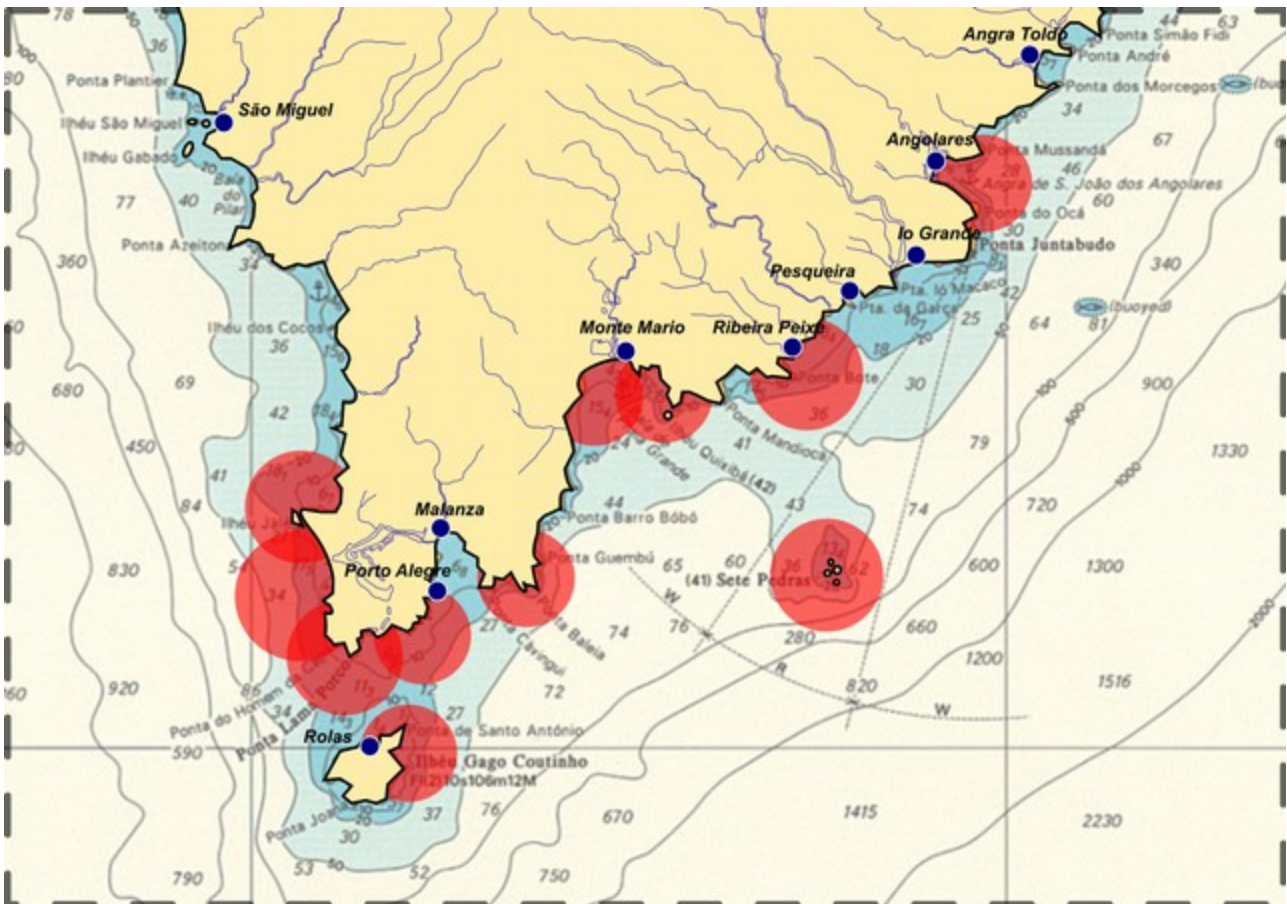
Horário de pesca: as primeiras horas do dia.

Comentário: É uma pesca selectiva pois só capturam espécies adultas. O impacto desta prática sobre determinadas espécies de crescimento lento pode causar extinção da mesma (Ex: o merlo). A prática desta caça utilizando garrafas é interdito.

Em Porto Alegre onde se pratica muito esta arte, um grupo de pescador submarinos se dedicam a peca de polvo para alimentar uma crescente demanda desta espécie para a

exportação, em particular para Cabo Verde.

Comunidades que praticam na zona Sul: Cruz, Gamboa, Loxinga, Praia Almoixerife, Messias Alves, Angolares, Ribeira Peixe, Monte Mario, Malanza e Porto Alegre.



Zonas de maior incidência da Pesca Submarina no Sul da ilha de São Tomé

3. Pesca de Voador panha

A pesca de voador panhá é muito praticada pelos pescadores de S. Tomé, nas zonas de pesca, particularmente na época da Gravana (tempo seco) de finais de Maio a Agosto.

Construção: Para o efeito, os pescadores utilizam capim, pedaços de madeira (bóia), azeite de palma ou óleo alimentar (calmaria) e côco (para alimentar/gunda ao voador) e uma rede circular denominada “Solavar” (ver Foto 2) que serve para apanha do voador. Também utilizam cabo para amarração e lançamento dos 2 dispositivos de atracção a distância que varia entre os 100 aos 600m.



Foto 1 – Armadilha (atractivo) com bóia e capim



Foto 2 – Rede “solavar”

Utilização: Depois da montagem dos 2 dispositivos (ver foto), em terra, os pescadores deslocam-se em canoas motorizadas ou não para a zona de pesca (5 – 12 milhas da costa) e lançam os 2 dispositivos, separadamente atados a 2 cabos que são levados pelo vento/corrente a uma distância de cerca de 100 m e 600 m da canoa. O azeite de palma e o óleo alimentar tem como objectivo criar uma calmaria/transparência da superfície da água do mar permitindo ver a presença do peixe atraídos pelos dispositivos, facilitando assim a sua apanha/captura. Algum tempo depois (30 minutos a 1 hora e meia), a armadilha é puxada lentamente e silenciosamente para perto da canoa, e com o Solavar iniciam a apanha do voador.

Horário de pesca: os pescadores partem às 5 horas e regressam por volta das 14 – 16 horas, ou ao cair da noite, dependendo da distância e da captura.

*Tradicionalmente, na época do início da Gravana (tempo seco), os pescadores da zona Norte de S. Tomé (Neves (Rosema, Água Tomá e Benga), criam uma comissão composta por 6 e pescadores mais idosos para proceder ao **Ritual de Levantamento do Voador Panhá**. Para o efeito, os mesmos devem cumprir o seguinte ritual: Seleccionar 2 pescadores generosos (mão aberta) que irão levantar o voador. Esses 2 pescadores devem dormir fora de casa durante a noite precedente permanecendo sem falar entre si e sem ter contacto com mulher, até a apanha/captura do voador (cada um sabe o que deve fazer durante o processo) e são vigiados pela comissão em terra. No regresso da pesca, antes mesmo de desembarcar uma parte dos peixes é atirada para a praia onde a comissão apanha entre 6 a 8 voadores e vai colocar numa árvore que se encontra em frente a Igreja Católica de Neves, informando aos santos de que o voador foi levantado e solicitam bênção para que a pescaria seja boa e rentável, outra parte é amarrada no Portão do Cemitério Local informando aos pescadores já falecidos do cumprimento do Ritual. A parte restante é distribuída ao longo das 3 praias (Bengá, Agua Tomá e Rosema) onde a população em alvoroço recolhe os voadores para seu consumo e os pescadores para fazerem o “cheiro” que será utilizado no dia seguinte. A partir deste ritual todos os pescadores da ilha estão autorizados a ir pescar o voador panhá. Em tempos, os pescadores que violassem este ritual morriam.*

Comentário: as fêmeas que se encontram no momento de desova, ao verem o capim/dispositivo, aproximam-se para depositar os ovos enquanto os machos libertam o esperma para fecundação. Pesca não interdita no País, mas extremamente danosa, tendo em conta que os ovos depositados no capim/dispositivo são trazidos para terra, pela maioria dos pescadores, perturbando assim o ciclo de reprodução.

Espécie alvo: voador (*Cypselurus melanurus*),

Capturas anexas e oportunistas : Colombeta (*Coriphaena equiselis*), tubarão, (*Sphirna*), Atum (*Thunnus albacares*), Andala, (*Istiophorus albicans*), Agulha sombra (*Xiphias gladius*), etc

Comunidades que praticam na zona Sul: Porto Alegre, Angolares,

4. Pesca nocturna « Encandeamento »

Prática de pesca utilizada por uma boa parte de pescadores de S. Tomé de forma geral, com maior frequência na zona Sul da Ilha de S. Tomé (Distrito de Caué).

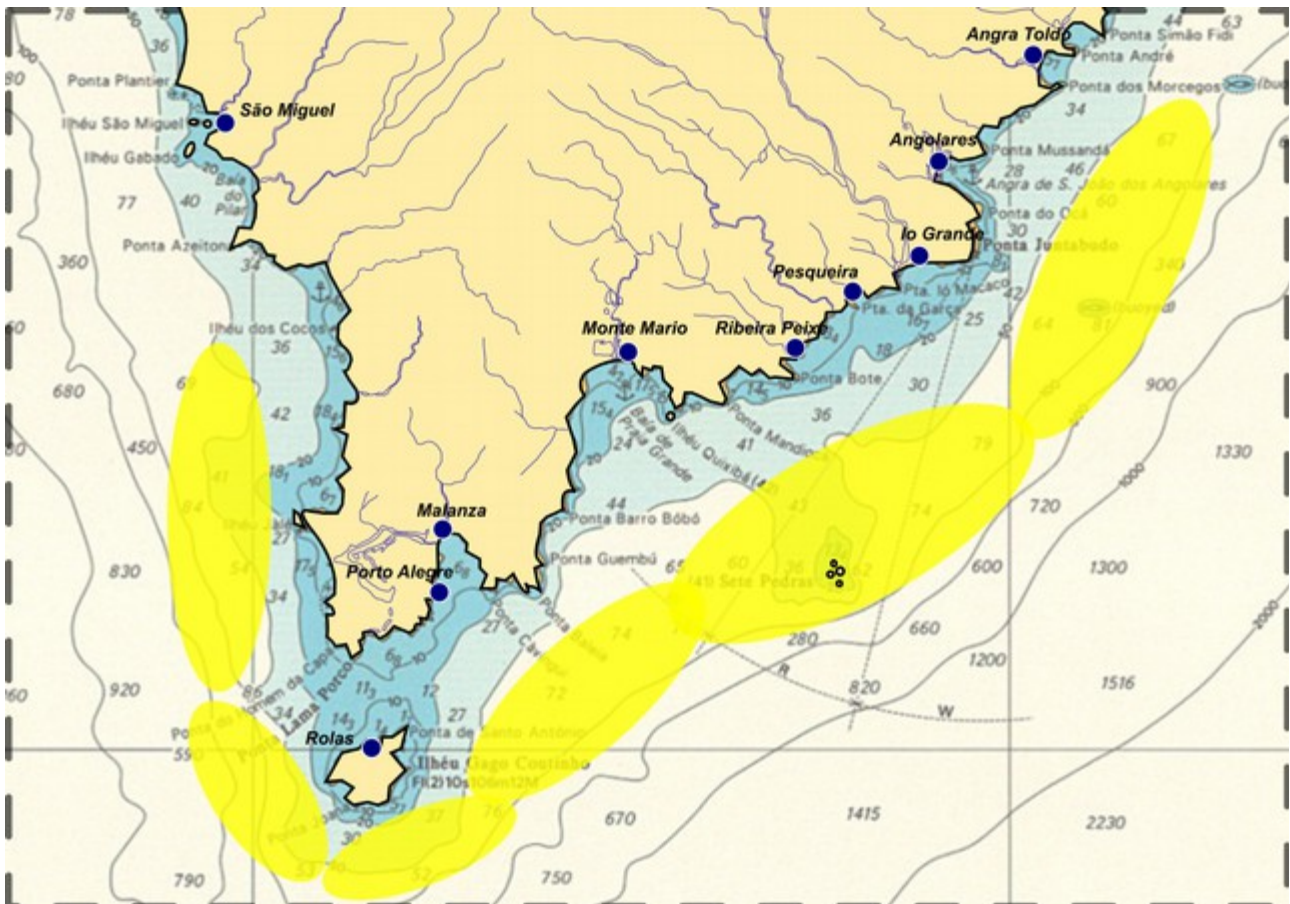
Construção: pesca com “Cafuca” a petróleo (um pedaço de cano galvanizado vedado numa extremidade e aberta na outra onde colocam petróleo e uma torcida), candeeiro de Petromax (Aida) a petróleo e ou lanterna recarregável. A arte de pesca utilizada é a linha de mão: fio 0,60 – 0,80, anzol nº 12 – 13 – 14 (10 – 15 anzóis), cuja extremidade é colocado chumbo.

Utilização: Durante as noites escuras (lua quarto minguante e crescente), cerca de 15 dias, os pescadores utilizam luz para atrair peixes. Após chegarem a “*Marca – pedra – zona de pesca*”, cerca de 40 – 70 m de profundidade, utilizando canoas motorizadas e ou a remo, ancoram a embarcação, acendem a luz e colocam na posição correcta com o foque para o mar. Entretanto, preparam o fio e as iscas e iniciam a pesca.

Isca: sardinha, choco, lula, isca artificial feitas de cabos desfiados e saco de cebola e plástico de varias cores, etc..

Espécies capturadas: Bonito (*Caranx crysos*), Vermelho terra (SPARIDAE), Carapau (*Trachurus trachurus*), corcovado (*Caranx hippos*), osso mole (*Uraspis sp.*), olho grosso (*Carans latus*), etc.,

Comentário: esta prática é proibida pela lei das pescas. Para além de ser interdita esta prática, segundo os pescadores, a inconveniência é que depois de uma pesca com candeeiro, durante o dia os peixes já não caçam as iscas, prejudicando os pescadores de fundo durante o dia.



Zonas de maior incidência da Pesca Noturna com Encandeamento no Sul da ilha de São Tomé

Comunidades que praticam na zona Sul: Pantufo, Paia Melão, Messias Alves, Angolares, Pesqueira, Ribeira Peixe, Porto Alegre, Neves, Santa Catarina.

5. Blindado



Construção: - Linha com cerca 30 - 100 m : fio 0.90mm – 2mm e na extremidade é colocado um pedaço de cabo de poliamida (Pa), desfiado.

Utilização: Blindado, com a canoa em movimento, os pescadores lançam o blindado ao mar e o peixe é atraído porque a confunde com lula devido a cor e o movimento do blindado na água. Ao tentar caçar a isca o blindado prende-se ao bico (grosa) do peixe e este é capturado.

O Blindado também pode levar anzol para captura de outros peixes.



Espécies capturadas: Andala (*Istiophorus albicans*), Agulha (*Ablennes hians*), Boca Cuto, Estromba (*Xiphias gladius*).

Horário de pesca: Durante o dia

Comentário : Esta prática foi introduzida em STP pelos pescadores cubanos nos anos 1980s, quando vieram com embarcações feitas de ferrocimento. Os pescadores locais copiaram esta técnica e dispersaram a volta da ilha.

Comunidades que praticam na zona Sul: Angolares, Porto Alegre

6. Corrico

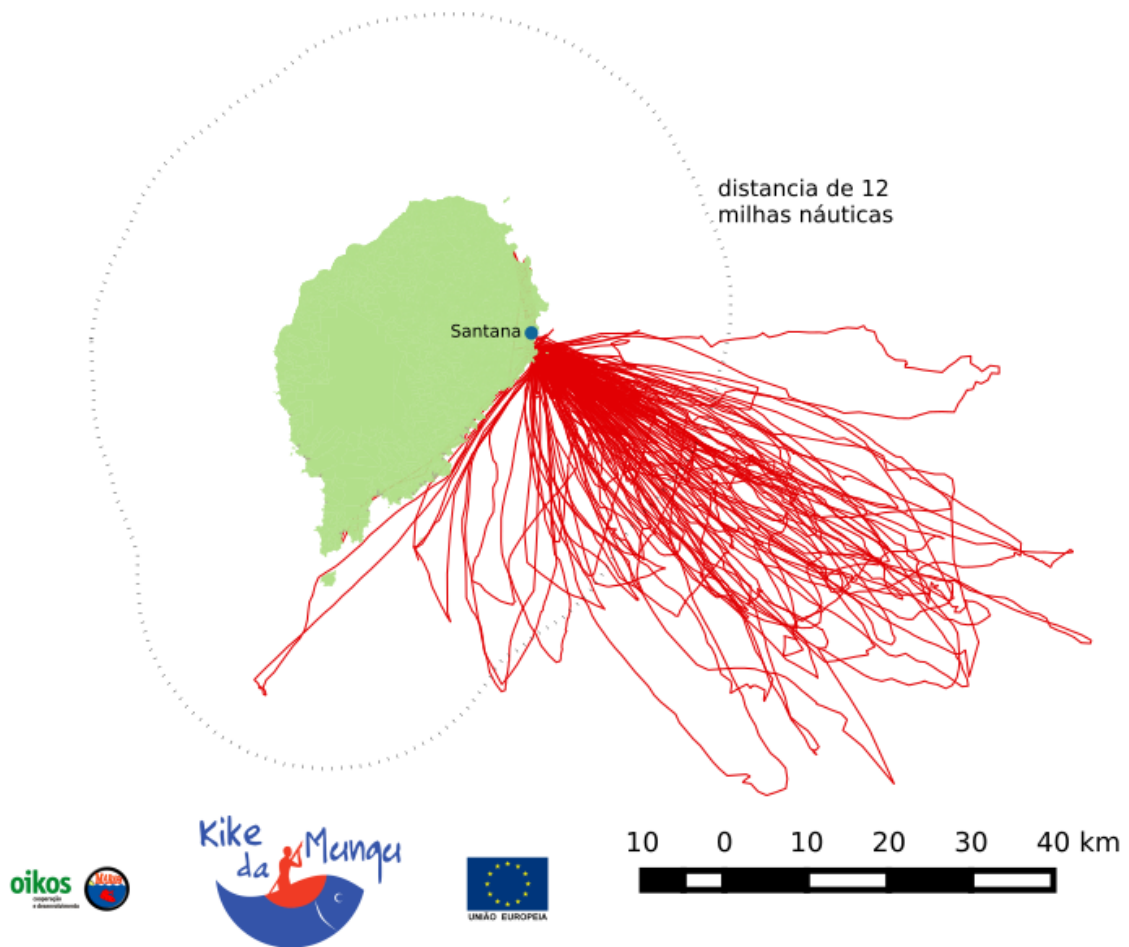


É uma modalidade de pesca em que os pescadores utilizam uma canoa motorizada ou não e que durante o andamento é lançado ao mar a arte de pesca, como Blindado, Pingué, fio com isca viva, fio com isca artificial que podem ser segurados na mão ou presos na canoa (fio 0.80mm – 1mm). Os peixes ao verem o movimento ondulatório das isca são atraídos e capturados pelas referidas artes e recolhidos pelos pescadores. Pode servir para pesca comercial, pesca “desportiva”, pesca científica e de subsistência

Espécies capturadas: Espécies pelágicas como: Peixe Andala (*Istiophorus albicans*), Agulha Sombra (*Xiphias gladius*), Barracuda (*Sphyraena barracuda*),

Peixe fumo (*Acanthocybium solandri*), Colombeta (*Coriphaena equiselis*), Atum (*Thunnus albacares*), Alada (*Elegatis bipinnulata*), tubarão martelo (*Sphirna zygaena*), etc.,

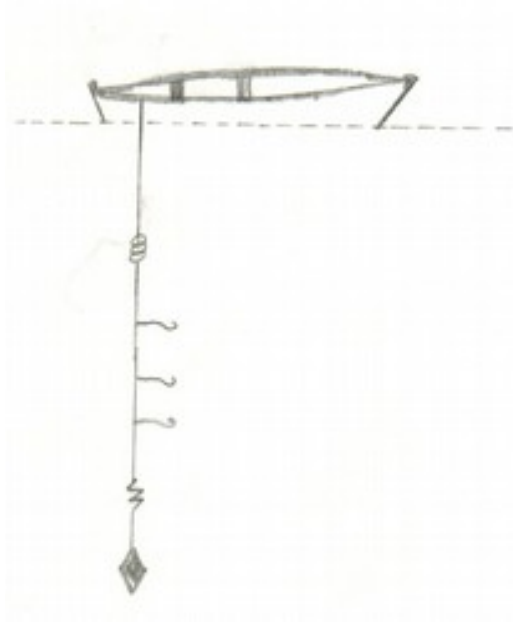
Comentário : Esta prática leva os pescadores a se afastarem muito da costa, até as 30 a 50 milhas, colocando os em risco de se perder. Os pescadores praticam esta arte usando canoas tanto a motor como a vela.



Exemplo de percursos realizados por pescadores com corrigo desde a praia de Messias Alves/Santana.

Comunidades que praticam na zona Sul: Messias Alves, Porto Alegre, Malanza, Ribeira Peixe, Pesqueira, lô grande, Angolares, Angra Toldo.

7. Palangre Vertical



Construção: linha principal fio de 0,70 – 0,80 – 0,90 mm de comprimento que varia em função da profundidade da zona de pesca (30 – 300 m) e 5 a 12 linhas secundárias com fio 0,70 – 0,60 mm. Na extremidade de cada linha secundária está cassado um anzol nº 9 – 10 – 11 – 12. Cerca de 5 – 12 anzóis cassados por linha. Na extremidade da linha principal está colocado um peso para imergir a arte.

Segundo testemunhos, em certas zonas faz-se palangre vertical amarrada a boias e deixada a deriva.

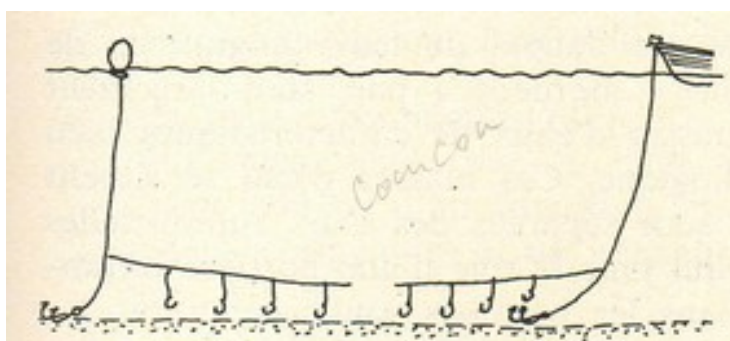
Espécies capturadas: Concon (*Dactylopterus volitans*), Bica (*Lethrinus atlanticus*), Vermelho (*Dentex macrophthalmus* / *Lutjanus fulgens*), Linguado (*Bothus guibeï*), Malagueta (*Pagellus bellotti*), etc.

Horário de pesca: Durante o dia.

Comentário : Segundo relatos dos pescadores que praticam, o peixe Coelho constitui uma ameaça pois corta só fios com os seus dentes afiados. A população de Peixe Coelho teria aumentado nos últimos anos, provavelmente devido à diminuição da população dos seus predadores naturais, que são os tubarões.

Comunidades que praticam na zona Sul: Porto Alegre, Malanza, Ribeira Peixe, Pesqueira, Iô grande, Angolares, Angra Toldo

8. Palangre horizontal



Construção: linha principal fio 0,80 – 0,90 mm de comprimento que varia em função da quantidade de anzóis e, 100 a 500 linhas secundárias. Na extremidade de cada linha secundária está cassado um anzol (nº 9 a nº 12). São colocadas boias para manter a arte à profundidade desejada pelo pescador e em função da espécie que pretende capturar.

Espécies capturadas: Concon (*Dactylopterus volitans*), Bica (*Lethrinus atlanticus*), Vermelho (*Dentex macrophthalmus* / *Lutjanus fulgens*), Linguado (*Bothus guibeí*), Malagueta (*Pagellus bellotti*), etc.

Horário de pesca: De preferência entre a 1h da madrugada às 12 horas.

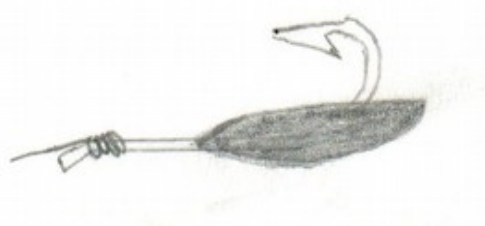
Comentário : Segundo relatos dos pescadores que praticam, o peixe Coelho constitui uma ameaça pois corta só fios com os seus dentes afiados. A população de Peixe Coelho teria aumentado nos últimos anos, provavelmente devido a diminuição da população do seu predador natural, que são os tubarões.

Comunidades que praticam na zona Sul: Porto Alegre, Malanza, Ribeira Peixe, Pesqueira, Lô grande, Angolares, Angra Toldo

9. Tchapo

Construção: é um tipo de isca artificial em que os pescadores chumbam o anzol (nº 9 – 10) ao chumbo ou estanho derretido e deixam secar, (ver figura).

Utilização: em posição vertical, depois de cassado o anzol chumbado ao fio (0.30 – 0.70) é lançado ao mar e através do constante movimento de sobe e desce, (denominado TOCA) ou vai e vem, (denominado PUXA) capturam peixes como Carapau, Bonito e outros pequenos pelágicos. É uma técnica cuja prática está a diminuir devido ao maior uso da técnica de linha de mão com isca artificial.



Comentário : arte em desuso generalizado.

Comunidades que praticam na zona Sul: Porto Alegre, Malanza, Ribeira Peixe, Pesqueira, Lô grande, Angolares, Angra Toldo

10. Pingue



Construção: parecido com palagre vertical, mas com montagem ligeiramente diferente. A linha principal vem com 20 – 30 linhas secundárias. Na extremidade de cada linha secundária é cassado um anzol. Na extremidade da linha principal está colocado um peso (chumbada), para imergir a arte.



Utilização: é um palangre de superfície sempre segurado à mão para capturar pequenos pelágicos como fulu-fulu. Tem entre 25 a -400 anzóis nº 9 - 12.

Espécies capturadas : Fulu fulu Cintra (*Katsuwonus pelamis*) Fulo-fulo1 (*AuxisThazaed*) Fulu fulu2 (*Euthynnus alletteratus*) Fulo-fulo (*Auxis rochei*), Cavala (*Scomber scombrus*), Bonito (*Caranx crysos*), Alada (*Elegatis bipinnulata*), Carapau (*Trachurus trachurus*), Vermelho fundo (SPARIDAE) (*Dentex macrophtalmus*), etc.

Horário de pesca: de preferência das 4 às 6 horas e das 15 às 17 horas.

Comunidades que praticam na zona Sul: Porto Alegre, Malanza, Ribeira Peixe, Pesqueira, lô grande, Angolares, Angra Toldo

11. Gaiolas (pesca ao caranguejo)

Utilização: As nassas são amarradas com cabos de comprimento variável entre 500 – 1500 m, de acordo com a profundidade onde são largadas. Geralmente os pescadores largam as nassas ao fim da tarde e recolhem na manhã seguinte embora alguns pescadores só recolhem 24 horas de pois do lançamento. Após recolha das capturas as nassas são colocadas novas iscas e deixadas para a próxima recolha. Para localizar as nassas, após o seu lançamento são amarradas bóias na extremidade superior dos cabos. Para evitar que as nassas sejam arrastadas em caso de fortes correntes marítimas são colocadas âncoras (pequenos pesos).



Isca: para atrair os caranguejos são colocadas iscas (voador, maxipombo, agulha, tubarão), protegidas por uma rede de malha mais apertada e são amarradas no interior da nassa mas, não estando ao alcance dos caranguejos pela parte de fora.

Espécies capturadas: caranguejo (*Chaceon affinis*), arranha, e alguns peixes de grandes profundidades.

Comentário : Esta arte não se pratica na zona Sul, mas convém notar que testes positivos foram feitos, pelo que o surgimento desta prática no Sul é uma questão de tempo.

Comunidades que praticam habitualmente : Neves, Morro Peixe, Micoló (de momento, apenas na zona Norte)

12. Pescarias em água doce

Mussuá :

É uma gaiola feita de folhas de palmeira, localmente conhecida por *Bança*, que atinge 2 ou 3 metros de comprimento. Esta arte apresenta um bocal, como na foto, e é utilizada de forma similar ao Txangá, porém é destinado a captura do camarão de água doce. O Mussuá é colocado no rio/riacho geralmente no fim da tarde e recolhido na manhã seguinte. O mesmo é armadilhado/fixado no leito do rio através de pedras pesadas com o bocal virado para a nascente.

Espécies capturadas: camarão (*Macrobrachium zariquieyi*, *Macrobrachium raridens*, *Atya intermedia* e *Atya scabra*), charoco, pequenos caranguejos do rio, papê, etc,



Clissaqui :

É parecido com o *Txangá* (ver a seguir) mas apresenta maior abertura no local e é feito com fibra (espinha dorsal) extraída das folhas de palmeira. Também é utilizada para a captura de camarão.

Construção : Armadilha construída de fibras da folha de palmeira dendém (*Elaeis guineensis*), de forma cônica com cerca de 1 m de comprimento com uma abertura circular de cerca de 40 cm e cuja parte inferior é amarrada para evitar a fuga das espécies captuadas (foto ao lado). O mesmo é utilizado , nos rios de São Tomé e Príncipe.

Utilização: Nas camadas mais profundas dos rios, onde existem raízes de plantas, remexe-se a água e depois arrasta-se a arte para capturar os animais ali existentes e, que desorientados entram na gaiola e são capturados.

Espécies capturadas: camarão de água doce (*Macrobrachium zariquieyi*, *Macrobrachium raridens*, *Atya intermedia* e *Atya scabra*)

Txangá :



Construção: Armadilha/gaiola construída de fibras da folha de palmeira dendém (*Elaeis guineensis*), é uma gaiola para captura de peixinhos na foz dos rios de São Tomé e Príncipe. Os peixinhos (muitos) entram pelos pequenos orifícios da armadilha já não saem: Para retirar o peixinho desamarra-se a extremidade inferior do Txangá

Utilização: a gaiola é colocada no chão com suporte de pedregulhos durante o período da maré alta. O peixe fica preso quando a maré está baixa. É utilizado para pescar peixinho, principalmente no período da lua nova. Também é utilizada a rede mosquiteira que não é recomendada porque captura todo tipo e tamanho de peixe.

Comunidades de pescadores praticantes: Malanza, Praia Pesqueira, Iô Grande, Ribeira Afonso, Água Izé, Praia Melão, Micoló

Vara de camarão :

É uma vara de madeira (1 metro) na qual se amarra um fio de pesca de cerca de 1 metro. Na extremidade do fio coloca-se um anzol nº 17. A isca (camarão descascado) é colocada no anzol. O camarão ao tentar comer a isca é içado e atirado com muita rapidez para um balde. A vara de camarão é utilizada para pescar camarão de água doce (*Macrobrachium zariquieyi*, *Macrobrachium raridens*, *Atya intermedia* e *Atya scabra*) nos rios e riachos.

Comentário: é uma pesca selectiva pois permite só capturar indivíduos adultos.

Cesto :



O Cesto é um utensílio caseiro de uso variado para as famílias santomenses (transporte de carga, arrumação de roupa, lavagem de Izaquente, etc.). É tecido com fibras de folha da palmeira. Também é utilizado como armadilha para captura de camarão de água doce (*Macrobrachium zariquieyi*, *Macrobrachium raridens*, *Atya intermedia* e *Atya scabra*). Basta colocar uns pedaços de copra (côco) dentro do cesto e coloca-lo no leito do rio/riacho e em poucos minutos os camarões entram para comer a copra (côco) e ficam presos. É uma prática utilizada em quase todas localidades do País.

Trata-se de uma captura selectiva visto que permite capturar só os indivíduos adultos.

Alerta! : hoje em dia, usa-se também a rede de mosquiteiro para pescar em água doce (peixinho/papé, camarão, xaroco), bem como produtos químicos como sulfato para envenenar os rios. Estas práticas poluentes e agressivas aos ecossistemas vem crescendo no mundo rural.

Conclusões

Com base nos dados recolhidos quer nas comunidades alvo do projecto, isto é as comunidades situadas no Distrito de Caué, quer nas comunidades fora desta zona, conclui-se que:

- a) Cerca de **41%** dos 2668 pescadores recenseados, em todas comunidades de pescadores da ilha de S. Tomé, ao longo do estudo, recorrem as zonas de pesca da zona Sul para realizar a sua pescaria. Esta cifra demonstra o grau da pressão de pesca sobre os recursos haliêuticos aí existentes.
- b) A população de pescadores residentes nas 8 comunidades piscatórias de Caué, constitui **31%** dos pescadores que pescam nesta zona de pesca. Os restantes **69%** são provenientes das comunidades do “Norte”.
- c) Os pescadores residentes utilizam sobretudo artes de pesca selectivas e por maior parte individual, como Rede de Voador, linha de mão como palangres, pingués, pesca de corico, etc.
- d) Os pescadores provenientes do Norte utilizam sobretudo Redes de Cerco denominadas “Rede Brisa”, com malhas muito fechadas e redes de voador “GONGA” com carácter mais predador e em maiores quantidades.
- e) A frequência da presença dos pescadores do Norte na zona Sul é quase diária e com tendência para prática de pesca nos dois períodos devido a sua capacidade de deslocação com motores possantes e embarcações de grande tamanho.
- f) Segundo testemunhos, existem ainda pescadores que utilizam explosivos para pescar na zona Sul. De referir que esta é uma velha prática pois já vem sendo reclamada pelos pescadores locais há muitos anos.
- g) A movimento dos pescadores usando artes diferentes (pescarias coletivas e individuais) nas mesmas zonas de pesca tem sido fonte de conflitos crescentes, alguns deles assinalados as autoridades (Capitania, DP ou Câmara Distrital), embora não se sabe ainda com que frequência ou intensidade.

Segue em anexo o quadro de classificação das pescarias ativas no Sul em função das praias de origem.

